

GIORDANO BRUNO: DE NOLA A ROMA

Ideusa Celestino Lopes¹

Resumo: Neste artigo abordamos a trajetória de vida de Giordano Bruno. Segundo CILIBERTO (1994), os textos brunianos têm uma forte conotação autobiográfica. O objetivo desse trabalho é apresentar essa relação entre os fatos ocorridos na sua vida pessoal e a sua produção literária. Bruno nasce em Nola, em 1548. Em Nápoles, na Ordem dos Dominicanos, se ordenou padre. Abandonou o hábito por volta de 1576, iniciando uma longa e frutífera peregrinação. Em 1579 deixou o território italiano para somente retornar em 1591. Nesse ínterim, frequentou cidades como Genebra, Paris, Londres e Frankfurt. Publicou as suas obras entre os anos de 1581 e 1591. O processo por heresia que se inicia em Veneza em 1592 e se arrastou por oito anos, interrompeu o frenesi de publicações. A execução da pena de morte em 17 de fevereiro de 1600 silenciou mais um filósofo desse período, que teve entre as suas motivações a luta pela liberdade de expressão, ao desenvolver temas que caminhavam na contramão do *status quo* estabelecido pelo sistema religioso cristão, católico ou reformado, que dominava o ambiente intelectual da época.

Palavras-chave: trajetória; obras; condenação.

Abstract: In this article we address Giordano Bruno's life journey. According to CILIBERTO (1994) Bruno's texts had a heavily autobiographical connotation. The objective of this text is to present the correlation of facts from his personal life and his literary works. Bruno was born in Nola, in 1548. In Naples, on the Dominican Order, he became a priest. Around 1576 he shed the religious habit and initiated a long and fruitful pilgrimage. In 1579 he left the Italian territory only to return in 1591. Meantime he visited cities like Geneva, London and Frankfurt. His works were published between 1581 and 1591. His persecution for heresy began in Venice in 1592 and was dragged on for eight years, which stopped his publication frenzy. The death penalty execution in 17th February 1600 silenced one more philosopher of that period, whose motivations included the fight for freedom of speech, contributing to develop themes that contradict the status quo established by the Christian system, catholic or reformed, that dominated the intellectual environment of the time.

Keywords: formation; trajectory; works; condemnation.

¹ Doutora – UFPB. Bolsa Capes PDEE – Università degli Studi di Padova – Itália. Professora Adjunta do Curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. e-mail: ideusalopes@gmail.com.

I. Introdução

Giordano Bruno (1548-1600) é considerado um dos nomes importantes da segunda metade do século XVI. Os seus textos trazem em particular uma crítica à cosmologia aristotélica, tema que domina parte dos seus escritos. Mas formulou também uma severa crítica à concepção religiosa, seja proferida pelos católicos ou pelos reformados. Apesar de ter sido ordenado sacerdote pela Ordem dos Dominicanos e ter vivido cerca de quinze anos entre os luteranos e calvinistas, critica a ambos.

O formato da exposição das suas ideias, através dos diálogos escritos em língua vernácula, o italiano, é um acervo considerável para a compreensão do momento político, social, cultural que permeava a Europa no ultimo quartel do século XVI. Apesar do seu importante papel no desenvolvimento de um novo período histórico, a modernidade, através da defesa do ambiente filosófico como um ambiente distinto do religioso, Giordano Bruno ainda é praticamente um desconhecido para a grande maioria dos intelectuais brasileiros. Conhecendo-se apenas poucas informações sobre suas obras, sua trajetória. A ausência de referências ao filósofo nascido em Nola, Itália, na nossa formação acadêmica é provavelmente decorrente da raridade das suas obras nas nossas bibliotecas e também ao número reduzido de estudiosos sobre o seu pensamento no Brasil.

Em virtude dessa carência de contato com o filósofo de Nola que surgiu a necessidade desta exposição, na qual pretendemos apresentar um panorama geral sobre fatos importantes da sua trajetória, que segundo estudiosos do pensamento brunianos como Aquilecchia (1993) e Ciliberto (2009), são fundamentais para compreender o desenvolvimento do seu pensamento. Bruno faz várias referências ao longo das suas obras, seja de modo implícito ou explícito, a fatos ocorridos tanto contemporaneamente mas também referentes ao período da sua juventude. Podemos citar, como exemplo, a obra *A ceia de Cinzas*, que é um relato das suas experiências em Londres e Oxford.

Outro ponto a ser considerado na sua trajetória é o fato de que, ao longo de dez anos, entre 1581 a 1591, ele conseguiu publicar vários títulos. Uma produção elaborada entre vários países e situações políticas diversas, permeados tanto por conflitos internos como externos. Transitando entre os espaços acadêmicos oficiais, como a universidade de Oxford, mas também ambientes político-sociais como a corte de Henrique III, da qual Bruno fez parte como leitor real. É em virtude desta riqueza de acontecimentos que resolvemos voltar o nosso olhar para a trajetória desse filósofo que deixou sua cidade natal, Nola, ainda muito jovem, até

se encerrar em Roma, com a execução da sua sentença de morte, por heresia, em praça pública.

II. Os primeiros passos: de Nola para Nápoles

Giordano Bruno nasceu em janeiro ou fevereiro de 1548, filho de Giovanni Bruno e Fraulissa Savolino, em Nola, província de Nápoles. Mas Giordano não é seu nome de batismo, pois ele chamava-se Filippo. Porém, quando entrou para a Ordem Dominicana, em 1565, ele adotou o nome de Giordano. Mas era também sotoposto o nome da cidade de origem. Assim, Filippo Bruno passou a ser chamado de irmão Iordanus de Nola².

Em 1562, Bruno se transfere para Nápoles a fim de dar prosseguimento aos seus estudos. Nessa época havia três modalidades de ensino em Nápoles: lições privadas, escolas religiosas e a universidade. O primeiro tipo era custoso, enquanto o mais acessível economicamente para quem não tinha recursos financeiros era o ensino religioso, sendo também uma boa opção para quem tinha o interesse de seguir a carreira acadêmica. Este foi o caminho trilhado por Bruno, que ingressa na Ordem Dominicana de *San Domenico Maggiore*, em 1565. No ano de 1573, ele foi ordenado padre e dois anos depois terminou o terceiro ano acadêmico de teologia, sendo-lhe outorgado o título de doutor e leitor em teologia.

Em 1575 foi formalizado uma acusação de heresia pela ordem religiosa ao irmão Iordanus. Em virtude da instauração do processo Bruno resolve se transferir para Roma. Nesse período, a cidade comemorava o seu jubileu e, portanto, estava repleta de peregrinos. Em meio a essa multidão, que acarretava um certo caos na cidade, um frade dominicano foi encontrado morto e a culpa recaiu sobre Bruno. Diante da gravidade desta nova acusação, somada ao problema disciplinar no convento, Bruno tomou a decisão de fugir da cidade em março de 1576. Com isso, deu-se início à uma longa peregrinação por algumas cidades da Itália, durante um período de dois anos, até que, finalmente, ele deixou o território italiano³.

² Mesmo após abandonar a vida religiosa Bruno não retoma o nome de batismo e reforça o uso da referência à sua cidade de origem, acrescentando o adjetivo “nolano” ao sobrenome. Na publicação da primeira obra escrita em italiano, *Candelaio*, identifica-se como Bruno Nolano. Nos seis diálogos publicados entre 1584-85 em Londres, apresenta-se simplesmente como Nolano.

³ Por um certo período oscilou entre usar ou não o hábito da congregação. No percurso em território italiano se fixou por alguns meses em Noli, pouco mais de quatro meses, como professor de gramática, para crianças, e de astronomia. Prossegue por Genova, Savona, Torino, Veneza, Padova, Bergamo, Brescia, Milano.

III. O início do exílio – entre Paris e Londres

O filósofo ingressa na cidade de Lyon, na França, com o nome de Giovan Battista Bruno e, logo em seguida, chega em Genebra no ano de 1579. Com o nome de Philippus Brunus Nolanus ele é aceito na Universidade de Genebra e segue um curso de Antoine de la Faye sobre Aristóteles. Ao identificar vários erros do expositor acerca do pensamento do Estagirita, Bruno resolveu elaborar e tornar pública, através de um manifesto, uma crítica à exposição do referido professor, uma atitude que escandalizou o ambiente acadêmico à época. A partir desse episódio, tornou-se uma pessoa *non grata* entre os calvinistas, além da sua resistência em se converter ao calvinismo. Dirige-se, então, a Toulouse, uma cidade de maioria católica. Nesse ambiente, Bruno conseguiu se inserir na universidade com a função de professor ordinário de filosofia, permaneceu na função por dois anos. Mas, em 1581, ele parte finalmente para Paris.

Bruno se fez conhecer no ambiente parisiense em razão de sua prodigiosa memória. Num primeiro momento, ministrou um curso de trinta lições sobre a *Suma Teológica* de Tomás de Aquino, no qual citava de memória longas passagens do texto. Sua fama cresceu e se estendeu até a corte, sendo convidado pelo rei para um colóquio. Depois desse encontro, Bruno passou a fazer parte da Academia como “leitor real”. No período em que fez parte da corte de Henrique III, ele publicou quatro obras: *De compendiosa architectura*, *De umbris idearum*, *Cantus Circaeus* e *Candelaio*⁴.

Em 1583, Bruno deixa Paris e segue para a Inglaterra. O seu primeiro contato com a Universidade de Oxford deu-se entre 10 e 13 de junho deste mesmo ano, em um evento promovido pela Universidade para recepcionar um príncipe polaco. Nesse encontro, Bruno procurou fazer-se notar, interferindo diretamente num debate público, organizado como parte das comemorações. Conseguiu, assim, um convite para ministrar um curso naquela renomada Instituição. O que pareceu ser uma grande oportunidade para o nolano, revelou-se um verdadeiro desastre. Logo na primeira lição, teria tratado da teoria heliocêntrica de Copérnico, um tema pouco atraente naquele ambiente acadêmico. Seja por esse ou por outro motivo, Bruno não chegou a concluir o curso. A justificativa da Universidade, para a interrupção do curso, deu-se com a acusação de o mesmo estar plagiando Marcilio Ficino, em especial às ideias expostas na obra *De vita coelitus comparanda*.

⁴ As três primeiras obras discutem em geral a arte da mnemotécnica, mas não no sentido missionário religioso. Para Bruno, a arte da memória era um instrumento de estudo e de conhecimento da realidade natural e humana. O *De umbrus idearium* foi dedicada a Henrique III; *De compendiosa architectura*, ao embaixador veneziano em Paris, Giovanni Moro. O *Candelaio*, diferente das outras publicações, é uma comédia e foi a primeira escrita em italiano, antecedendo os seis diálogos escritos, posteriormente, todos em italiano.

As duas experiências brunianas em Oxford – a homenagem ao conde polaco e a interrupção do curso ministrado por Bruno – são relatados na obra *A ceia de Cinzas*, primeiro diálogo publicado na Inglaterra, em fevereiro de 1584. Trata-se de uma obra que provocou muita polêmica, em decorrência da sua severa análise sobre a sociedade inglesa, e os seus modos pouco civilizados, em particular com os estrangeiros. Mas a obra apresenta também um duro ataque ao ambiente acadêmico de Oxford, justificável em virtude da acusação de plágio que recebeu quando estava ministrando o curso, o qual teve que interromper bruscamente. Mas o tema principal tratado na referida obra se concentra na defesa do heliocentrismo copernicano e, por conseguinte, nela encontramos a apresentação da cosmologia bruniana.

A segunda obra publicada na Inglaterra, é o *De la causa, principio e uno*⁵, também em 1584. O título pode, num primeiro momento, indicar que o texto fará uma abordagem teológica, mas Bruno continua no seu projeto de apresentar uma nova cosmologia e, neste sentido, apresenta uma concepção geral sobre a filosofia da natureza. Em julho do mesmo ano, é publicada a obra *Sobre o universo, o infinito e os mundos*, no qual retoma, de forma mais explícita, o debate entre a cosmologia infinitista e a finitista. A teoria da infinitude do universo, Bruno a apoia sobre a base da absoluta coincidência em Deus, como vontade, potência e ato. A causa primeira, infinita, teria como efeito o infinito, e esses são os fios condutores da discussão cosmológica. O Cosmo bruniano é concebido como sendo infinito, homogêneo e povoado de inumeráveis mundos.

Em setembro de 1584, o embaixador Castelnau recebeu ordem do governo francês para deixar a Inglaterra. Bruno, com efeito, não conseguiu durante o período em que era hóspede na embaixada francesa uma alternativa para se manter naquele país, por isso decidiu retornar com a comitiva do embaixador. Mas antes do seu retorno a Paris, ele publica, ainda no ano de 1584, a sua quarta obra escrita em italiano, *Spaccio de la Bestia trionfante*⁶. Enquanto nas obras anteriores havia uma prevalência de temas como ciência, cosmologia e filosofia, no *Spaccio* Bruno discute, através do recurso da alegoria, a crise religiosa e moral

⁵ Uma curiosidade: apesar de ter sido publicada na Inglaterra, com a mesma editora da *La Cena*, o lugar de publicação é indicado como sendo Veneza; alguns interpretam tal atitude como puramente comercial, uma vez que o texto era escrito em italiano, era mais prático fazer crer ao leitor que a obra tenha sido publicada na Itália. Bruno justifica tal prática como sendo usual do editor, tais informações constam nos Atos do processo como sendo do próprio Bruno. Cf., FIRPO, 1993 : 165.

⁶ Dedicou a obra a dois nobres ingleses: Sidney e Folco Grivello, membros da corte que haviam apoiado Bruno no início da sua estadia a Londres. São dois nomes importantes tanto socialmente como politicamente, poderiam ter sido o apoio que Bruno precisava para consolidar a sua permanência em Londres, mas em virtude de desavença entre eles, isso não ocorreu.

do seu tempo, que envolvia o conflito entre anglicanos, puritanos, protestantes e católicos. Na sequência de publicações do período londrino, no início de 1585 Bruno apresenta *Cabala del Cavallo Pegaseo*. Um texto que radicaliza os argumentos expostos no *Spaccio*, sobretudo quanto ao triunfo da teologia judaico-cristã sob a religião civil e natural do mundo antigo. A última obra que comporá os chamados diálogos italianos é *Eroici furori*, publicada antes do retorno a Paris. A temática central dessa obra são os sentimentos humanos e, em especial, o amor e a sua tradução através da poesia. A obra expõe, de um certo modo, a trajetória autobiográfica da vida e do caminho intelectual de Bruno, utilizando a alegoria da cegueira e a aquisição da luz como elementos antagônicos que se complementam. Uma outra obra desse período é *Sigillus sigillorum*. Em outubro desse mesmo ano, Bruno deixa Londres na comitiva do embaixador Castelnau e retorna novamente a Paris.

A segunda estadia de Bruno em Paris não se deu nas mesmas condições favoráveis como ocorreu na sua primeira passagem pela corte. Antes de partir novamente de Paris, ele publicou no início de 1586, *Figuratio Aristotelici physici auditus*. Nesta obra Bruno propõe ao leitor, através da técnica da mnemotécnica, e utilizando-se de imagens mitológicas, um método para memorizar os princípios da física aristotélica. Ora, fazer parte do quadro acadêmico como professor era um anseio acalentado por Bruno, e isso existia desde o período em que pertencia a Ordem dos Dominicanos. Ademais, um dos requisitos para pleitear uma vaga de docente era ser bom conhecedor de Aristóteles, o que Bruno procurou demonstrar na referida obra, considerada como uma respeitosa e ordenada exposição da cosmologia geocêntrica. Mas isso não foi o bastante para abrir as portas de uma cátedra, nem, tampouco, para o apoio de algum nobre que o patrocinasse.

Ainda em 1586, Bruno publicou mais três outras obras. As duas primeiras são compostas tendo o matemático italiano Gasparo Mordente como referência. A primeira, a partir de uma perspectiva positiva e a segunda negativa, são elas: *Dialogi duo de Fabricii Mordentis e* em seguida *l'Idiota triumphans*. A última obra do período francês é intitulada *Centum, et viginti articuli de natura et mundo adversus Peripateticos*, e nesta obra Bruno retoma o debate cosmológico.

IV. Entre os calvinistas alemães

No verão de 1586, ele finalmente deixou Paris e dirigiu-se para a Alemanha, passando pelas cidades de Magonza, Wiesbaden e Marburgo. Em seguida, dirige-se para a cidade de Wittenberg, que estava passando por um momento de transição após a morte de Lutero. Bruno

passou dois anos trabalhando com o *Organon* aristotélico em lições privadas, seguindo uma leitura aristotélico-lulliana. Com isso, ele publicou em 1587 as obras *De lampade combinatoria lulliana* e *De progressu et lampade venatória logicorum*, que discutem a mnemotécnica de Raimundo Lullio. No ano seguinte, saiu a publicação de *Camoeracensis acrotismus*⁷ e uma nova edição de os *Centum et viginti articuli*. Bruno retoma, assim, a discussão cosmológica e a crítica a Aristóteles. Mas, no ano de 1588, no ambiente acadêmico de Wittenberg deu-se o retorno de uma facção de calvinistas intolerantes, que investiram contra as posições liberais, tendo sido alguns, em seguida, dispensados. Diante dessas animosidades, Bruno deixa Wittenberg e se dirige para Praga a fim de integrar a corte de Rodolfo II, por lá permanecendo durante seis meses⁸. Na corte de Praga, Bruno consegue proteção do embaixador espanhol Guglielmo Haro, ao qual dedica a obra *De specierum scrutinio et lampade combinatoria Raymundi Lullii*, publicada em junho de 1588. Logo em seguida, ele publica *Articuli centum et sexaginta adversus huius tempestatis mathematicos atque philosophos*, dedicada ao Imperador Rodolfo II, mas o imperador era mais interessado em magia do que em matemática⁹, não dando, assim, a devida importância à referida obra.

Em janeiro de 1589, Bruno transfere-se para a cidade de Helmstedt sob o nome de Jordanus Brunus, Nolanus Italus. Foi nesse período que Bruno iniciou os seus estudos sobre a magia. Até então, ele não havia feito um estudo sério sobre o assunto, sendo mais um expectador de informações que colhia, ao presenciar a disputas entre mágicos e alquimistas ou o debate entre médicos e alquimistas, do que, propriamente, um verdadeiro interessado no tema. São frutos desse período, que se estende até a primavera de 1590, os escritos identificados como fase mágica bruniana: *De rerum principiis et elementis et causis*, *Medicina Lulliana*, *De Magia*, *Theses de magia* e *De magia mathematica*¹⁰. Na primavera desse mesmo ano, ele deixa Helmstedt e segue para Frankfurt, última cidade a qual se dirige antes do seu retorno à Itália.

⁷ *Camoeracensis acrotismus seu rationes articulorum physicorum adversus Peripateticos*, é praticamente uma revisão e ampliação das ideias expostas no *Centum et viginti articuli* em Paris. Escrita em latim, essas obras têm um público alvo específico: o ambiente acadêmico europeu de um modo geral.

⁸ Segundo Ricci (2000), um dos motivos da transferência de Bruno para a corte de Rodolfo II, pode ser compreendida pela esperança que o movia de encontrar um benfeitor que o acolhesse e, dessa forma, pudesse ele desenvolver os seus estudos tranquilamente, em especial sem preocupações financeiras. Bruno dedicou uma obra ao regente e recebeu em contrapartida uma ínfima contribuição financeira (trecento taleri). Cf., RICCI, 2000 : 411.

⁹ A presença dos astrônomos Tycho Brahe (calvinista) e Johannes Kepler (luterano) a partir de 1599 na corte rodolfiana se devia mais aos possíveis prognósticos astrológicos que poderiam oferecer ao Imperador, do que sobre os resultados astronômicos de suas pesquisas, Cf., RICCI, 2000, p. 420.

¹⁰ As referidas obras ficaram inéditas até 1891 quando serão finalmente publicadas por Abraham Norov que em 1866 as adquiriu num antiquário em Paris e as intitulou como *Kabale*.

A chegada e a permanência em Frankfurt não foi nada fácil. Em primeiro lugar, um estrangeiro deveria fazer uma solicitação ao Senado, indicando os motivos da permanência, declarando o local de hospedagem e qual o período de estadia. O pedido de Bruno foi negado. A alternativa foi hospedar-se no convento da Ordem dos Carmelitas, que não estava submetido às regras laicas da cidade. Frankfurt era famosa pela intensa atividade editorial, o que permitia aos autores uma possibilidade de negociar o custo da publicação, além de haver a oportunidade de comercialização das obras publicadas numa espécie de feira de livros, que atraía pessoas de todas as partes da Europa. Nesse período, Bruno publicou três poemas: *De minimo*, *De monade* e *De immenso*¹¹. Também é deste período *De imaginum, signorum et idearum compositione*, escrito de conteúdo mnemotécnico.

V. O retorno à Itália

No final do verão de 1591, Bruno decidiu retornar à Itália para se estabelecer entre Padova e Veneza, como hóspede na casa de um importante comerciante veneziano, Giovanni Mocenigo. Bruno corria sérios riscos com o seu retorno à Itália, pois não era mais apenas um frade dominicano que deixou o hábito, mas havia vivido por alguns anos em países que professavam a religião dos reformados, além de ter escritos livros nos quais a questão religiosa era um dos temas discutido.

É possível que o nolano contasse com a força política e independência que caracterizavam a Sereníssima e sua famosa Universidade, que procuravam difundir uma imagem de respeito e tolerância através da diversidade de suas atividades. Historicamente, Veneza havia conseguido manter boas relações entre o poder político do regente, o Doge, e o poder religioso da Santa Sé. Uma característica particular que se pode exaltar da independência e autonomia venezianas, se evidencia no primado da autoridade civil sobre a autoridade religiosa, sobretudo no que concerne aos processos da inquisição relativos à heresia, firmado desde 1547.

No entanto, em pouco tempo o retorno à pátria não se apresentou tão frutífero, pois oferecia mais riscos que oportunidades. Veneza e Padova, apesar da “máscara” de tolerância e autonomia que portavam, eram ambientes que dissimulavam os mais diversos interesses: dos reformados, trenitistas, católicos, antipapistas, contra reformistas. Discrição e prudência são

¹¹ O *De minimo*: trata da ciência dos primeiros elementos: o saber e a erudição; no *De monade*, aborda o tema da fé e da divinização; no *Del immenso* expõe a sua cosmologia infinitista. Representa também a unificação de três ciências: a matemática, a metafísica e a física.

qualidades ou máscaras que o nolano não soube portar ou manejar ao longo da sua trajetória, evidenciada pelas mais diversas situações em que se viu envolvido.

VI. O início do processo por heresia – Veneza

Mas, antes que tomasse a decisão de deixar a Itália novamente, o seu anfitrião apresenta a primeira denúncia ao Santo Ofício contra seu hóspede, Giordano Bruno, por suspeita de heresia, em 23 de maio de 1592. Segundo Firpo (1993), o uso de tal termo sobre o referido estado do acusado foi um dos motivos pelos quais os procedimentos do processo foram acelerados. Na madrugada do dia seguinte, em menos de vinte e quatro horas, Bruno foi transferido da casa de Mocenigo para o cárcere do Santo Ofício. Dois dias depois da primeira denúncia, em 25 de maio, Mocenigo apresenta uma segunda acusação: o prisioneiro era um excomungado. Quatro dias depois, Mocenigo apresenta a terceira denúncia, na qual constava as seguintes acusações: o acusado era idealizador de uma reforma geral na Igreja católica, crítico da existência do Santo Ofício e de seus métodos violentos e era um manifesto apoiador do novo monarca francês, Henrique Navarro¹².

Aos 26 de maio, o Tribunal inicia a primeira audiência. Foram ouvidas duas testemunhas apresentadas por Mocenigo e depois Bruno foi interrogado. As acusações versavam sobre a questão da Trindade, a encarnação de Cristo, os milagres de Cristo, o sacrifício da missa, a transubstanciação, a relação com os protestantes, o confronto entre arte mágica e os milagres de Cristo e dos Apóstolos, além da acusação de defender uma reforma geral da Igreja e de apoiar o príncipe Henrique Navarro. Mas, o peso maior das acusações levadas em consideração pelo Tribunal foi a convivência prolongada que teve com os heréticos luteranos e calvinistas. Na sua defesa, Bruno apresentou um relato geral sobre a sua vida até a chegada a Veneza em outubro de 1591 e, defendendo-se das acusações imputadas, alegou que as suas convicções eram formuladas a partir do ponto de vista filosófico e não religioso, por esse motivo não deveriam ser consideradas heréticas. Após quatro seções de interrogatório, o Tribunal pede ao acusado que se arrependa dos seus pecados, fazendo referência tanto às suas ideias como ao fato de ter abandonado a vida religiosa. Bruno abjura e pede misericórdia tanto ao Santo Ofício como à Igreja, oficialmente, no dia 3 de julho de

¹² Henrique Navarro, príncipe espanhol, foi excomungado pelo papa Sisto V e por este motivo não poderia ser o sucessor de Henrique III, ao trono francês, pois, o reino era de maioria católica. Era uma situação delicada, pois, haviam divergências dentro do próprio clero sobre que desfecho deveria ser dado ao caso. Havia os que defendiam o perdão e uma outra ala que reiterava a excomunhão. O papa Clemente VIII tendia para uma revisão do processo, mas o Cardeal Santori, responsável pelo Santo Ofício em Roma, era desfavorável ao pedido. Portanto, um tema que envolvia diferentes interesses políticos.

1592. Com a abjuração e a não confirmação através de documentos das acusações do denunciante, o Tribunal encerra os trabalhos e prepara-se para emitir o seu parecer. Mas o processo não se encerrou como esperado, que seria aplicação de uma pena leve. Os juízes eclesiásticos não ficaram satisfeitos com o desenrolar do processo e levantaram dúvidas sobre as consequências que poderiam advir do retorno do acusado à sociedade veneziana, pois era um homem sem religião, que havia abandonado a ordem religiosa a qual pertencia e vivido, por vários anos, entre os reformistas. O Tribunal veneziano remete então uma cópia do processo a Roma para apreciação do Cardeal Santori, responsável em Roma pelo Tribunal do Santo Ofício. De Roma é emitido a recomendação de que haja um maior aprofundamento das denúncias. Nesses termos, o processo foi retomado. A ingerência romana no processo teve como consequência o pedido do envio do acusado a Roma. O Tribunal veneziano delibera pela extradição em 17 de setembro de 1592. Como esse não era um modo de proceder usual entre Veneza e Roma, foi preciso a confirmação da extradição por uma instância da sociedade civil. Por isso, o pedido de extradição foi enviado ao Senado para apreciação, o qual deliberou, em 07 de janeiro de 1593, pela extradição, com cento e quarenta e dois votos favoráveis e trinta votos contrários.

VII. A transferência para Roma

O processo de Giordano Bruno passou então para a jurisdição do Tribunal do Santo Ofício romano, sob a tutela de Santori. Giordano Bruno deixa o cárcere de San Domenico de Castello aos 19 de fevereiro desse mesmo ano, e aporta em Roma no dia 27 do mesmo mês. No decorrer deste mesmo ano, ocorreram quinze sessões de interrogatório, nas quais o acusado se defende das antigas e de novas acusações¹³.

De janeiro a março do ano seguinte, 1594, o Tribunal se volta para os autos do processo veneziano e solicita que as testemunhas sejam ouvidas novamente. No começo do ano de 1595, deu-se início a leitura dos autos do processo, tendo sido solicitada pela Congregação do Santo Ofício uma análise das obras do acusado que estavam sob o poder do Tribunal. Os que foram incumbidos, nesse primeiro momento, de avaliar as obras do acusado,

¹³ No decorrer deste mesmo ano é apresentado uma nova denúncia contra Bruno, feita pelo frade Celestino da Verona. No total são treze acusações, “três delas correspondem com as já apresentadas por Mocenigo (opiniões erradas sobre Cristo, multiplicidade dos mundos, transmigração das almas) e dez novas, mas sempre relacionadas à interpretação do acusado sobre as Escrituras, santos, profetas, existência do inferno, uso do breviário. Além da denúncia de que, caso lhe fosse concedida clemência, enviando-lhe a um convento da sua ordem, como era habitual no caso de um frade abjurado e não relapso, de tornar imediatamente à heresia e empreender fuga”, RICCI, 2000, p. 515, tradução nossa. Estas acusações foram confirmadas e reforçadas por um outro companheiro de cela do período veneziano, Francesco Graziano.

tiveram em mãos três diálogos: *A ceia*, *De la causa* e *Sobre o infinito* e os poemas de Frankfurt. Eles se detiveram especificamente sobre três pontos: o relativo à eternidade e à infinitude do mundo, a doutrina da identidade da alma do mundo com o Espírito Santo e a definição da alma individual. E, assim, se passaram dois anos, sem nada ser acrescentado ao processo¹⁴.

Finalmente, em abril de 1596, foi instituída uma comissão para analisar as obras de Bruno. Os trabalhos somente foram finalizados em dezembro do mesmo ano. Bruno é submetido a um novo interrogatório, declara-se arrependido, mas não convence os membros do Tribunal. O Santo Ofício autorizou, então, o uso da tortura num novo interrogatório, aos 24 de março de 1597. Após este interrogatório, Bruno teve acesso a uma cópia das censuras que foram feitas às suas obras, a partir das quais deveria preparar a sua defesa para a próxima audiência.

Em março de 1598, foi elaborado um sumário do processo, no sentido de agilizar seu andamento, tanto para apreciação dos cardeais como da leitura pública que deveria ser feita antes do pronunciamento da sentença. O novo consultor do Santo Ofício, Roberto Bellarmino, em 12 de janeiro de 1599, após ter acesso ao sumário do processo, propõe ao tribunal que sejam apresentadas ao acusado oito proposições, de caráter explicitamente heréticas, que deveriam ser renunciadas, abjuradas incondicionalmente¹⁵. Bruno contesta as proposições elencadas, não as considera como tendo cunho herético, mas deveriam ser analisadas a partir do mérito de temas que mereciam ser amplamente discutidos. Tal refutação foi feita em 25 do mesmo mês. O tribunal recusa a interpretação do acusado sobre as referidas proposições e impõe que abjure imediatamente, ou, então, que o faça no prazo máximo de quarenta dias. Em 15 de fevereiro, Bruno declara-se disposto a abjurar. Mas, ao invés da abjuração, ele apresenta uma memória dos fatos ocorridos ao longo da sua vida, na qual reconhece os seus erros cometidos. Entretanto, o parecer de Bellarmino sobre o referido documentos somente foi

¹⁴ O Tribunal romano recebia cada vez mais denúncias de heresia, provenientes de toda Itália, o que acarretava uma sobrecarga nas tarefas dos seus funcionários, interferindo tanto na qualidade como no andamento dos processos. Nesse período, encontra-se entre os principais prisioneiros em Roma: Francesco Pucci, Tommaso Campanella, Giambattista Clario, Ottavio Longo, entre tantos outros. Além dos julgamentos, o Tribunal neste período, entre 1595-1596, ocupou-se da revisão da lista dos livros que compunham o Index, no sentido de atenuar as restrições. A preparação da cerimônia do ritual de abjuração do príncipe Navarro, em 1595, também contribuiu para o acúmulo de atividades.

¹⁵ No início do processo em Veneza, Bruno já havia abjurado; o Tribunal romano considera que seria preciso uma renovação da sua disposição a um arrependimento completo dos seus erros, tanto de fé como de pensamento. A condenação à morte, sentença extrema, só era aplicada quando o acusado recusava-se obstinadamente a reconciliar-se com a Igreja; ou quando era reincidente, voltava a proclamar heresias; mas também quando sustentavam heresias inaceitáveis como a negação da virgindade de Maria ou divinização de Cristo. Cf., RICCI, 2000, p. 530.

apresentado em agosto, o qual foi considerado como uma declaração de reconhecimento de culpa pelos erros cometidos, mas não de renúncia aos erros.

Aos 09 de setembro de 1599, foi realizada uma audiência da Congregação do Santo Ofício para discutir, entre outros temas, o processo de Giordano Bruno. Todos os membros eram unânimes no tocante à falta de provas contundentes que referendassem as acusações imputadas ao acusado. Esta conclusão foi elaborada a partir de uma investigação sobre a idoneidade dos acusadores e das testemunhas apresentadas pela acusação. Com exceção de Giovanni Mocenigo, todos os outros tinham sofrido algum tipo de processo por heresia. Nesse caso, não era possível declarar o acusado culpado apenas a partir das referidas denúncias e testemunhos. Mas, quanto ao comportamento pessoal do acusado, pelo fato de ter vivido por muitos anos em países reformados, o elogio que expressou a algumas autoridades protestantes, o conteúdo das obras analisadas, tudo isso gerava dúvidas sobre a veracidade da sua renúncia aos erros cometidos. Novamente, em 10 de setembro do mesmo ano, o acusado manifestou ao Tribunal o seu interesse em abjurar. Para tanto, entregou dois documentos: uma declaração na qual expressava o reconhecimento dos seus erros (não uma renúncia, como seria o esperado pelos juízes), e no qual declarava estar disposto a acatar a punição que a Santa Igreja determinasse. Outro documento, um memorial, era endereçado ao Papa Clemente VIII. Diante da postura do acusado em não abjurar, foi determinado que teria o prazo de até quarenta dias para rever a sua posição diante do Tribunal e, com isso, abjurar.

VIII. A Sentença

Em 17 de novembro, o Tribunal se reúne para concluir o processo, determinar a sentença, mas posterga a decisão dando um novo prazo ao acusado. Aos 21 de dezembro o Tribunal tomou ciência de uma declaração na qual o acusado não tinha a intenção de “arrepender-se, e que não sabe de que coisa deveria arrepender-se, que não existe matéria sobre qual arrepender-se, e que não sabe sobre que coisa deveria arrepender-se” (RICCI, 2000, p. 537). Apesar da declaração obstinada, o Tribunal decidiu enviar dois vigários da sua ordem religiosa, dominicana, para que o persuadissem da decisão tomada. Mas Bruno estava irredutível, declarando que não reconhecia a autoridade do Tribunal para julgá-lo, nem moralmente nem doutrinariamente, e somente se reportaria ao Santo Padre. Diante da invencível obstinação e persistência do acusado em aceitar os meios para a sua salvação, o Tribunal decide pela aplicação da pena máxima, a qual é referendada pelo seu presidente, o papa Clemente VIII. A sessão que encerrou o processo ocorreu em 20 de janeiro de 1600.

O processo teve uma duração de quase oito anos, pois inicia-se nos primeiros meses de 1592 e se encerra em janeiro de 1600, o qual contribuiu, segundo Ricci (2000), para que Bruno na última fase oscilasse entre o desejo de escapar à morte, quando decide abjurar, e a relutância em abandonar as suas ideias, principalmente sobre alguns pontos que considerava inegociáveis como, por exemplo, a infinitude do universo ou a teoria da alma universal. Se abjurasse, corria o risco de negar o entendimento filosófico ao qual havia tido acesso, pois, com a abjuração, a sua filosofia também seria negada e sufocada pelo silêncio ao qual seria condenada, juntamente com o seu idealizador.

Em 08 de fevereiro de 1600, foi lida na presença do acusado, em uma sessão pública da Congregação do Santo Ofício, o texto da sua sentença, na qual era declarado culpado¹⁶. Ao ser reconhecido como sendo herético impertinente, que não se arrependeu dos seus erros, obstinado e persistente, seria entregue ao governador de Roma para que se cumprisse a sentença. Os textos de sua autoria, que estavam em poder do Tribunal, seriam mutilados e queimados e passavam a ser considerados proibidos e inseridos no Index. No dia 17 de fevereiro a sentença foi cumprida: Bruno foi queimado vivo na praça Campo de' Fiori.

IX. Considerações finais

Após três anos da condenação, as obras de Bruno são inseridas no Index. Tal inserção provavelmente causou mais interesse no ambiente culto do que propriamente a sua morte em praça pública. Segundo Ricci (1990), o Index funcionava como uma atualização bibliográfica que interessava principalmente aos protestantes, suscitando um grande interesse pelas obras e pela biografia dos autores condenados pela inquisição romana.

Ao longo das suas obras Bruno analisa o seu tempo e se autodenomina intérprete dele, apontando os seus erros, as suas limitações. Os encontros e, principalmente, os desencontros ao longo da sua peregrinação, são elementos que consideramos importantes para compor uma chave de leitura que nos permita construir uma interpretação do pensamento bruniano. Um intelectual que não se ajustava ao passado, como continuador de uma ordem estabelecida, nem ao que era considerado novo, pois, do ponto de vista religioso, Bruno, não foi defensor nem dos reformistas nem dos anti-reformistas. A sua compreensão da crise na qual a

¹⁶ Eis algumas das acusações: haver dúvidas sobre virgindade de Maria; haver vivido em países heréticos seguindo os costumes heréticos; escrito contra o papa na obra *Spaccio*; ter defendido a existência de mundos inumeráveis e eternos; ter afirmado a transmigração das almas; defender a magia como coisa boa e lícita; ter identificado o Espírito Santo com a alma do mundo; ter afirmado que Moisés era uma farsa; declarado que as Escrituras eram fantasiosas; declarado que Cristo não fosse Deus, mas um impostor e um mágico, e que por isso teve uma morte merecida; afirmava que os profetas e os apóstolos eram mágicos. Ao todo foram trinta acusações. Cf., RICCI, 2000, p.542.

sociedade do seu tempo estava inserida, era maior do que uma simples opção religiosa, pois se revelava muito mais profunda. Ela estava relacionada com um novo modo de olhar o mundo físico e social. Mas, certamente, não era fácil ser um antiaristotélico num ambiente acadêmico no qual predominava o aristotelismo, nem, tampouco, católico num ambiente reformista, ainda que ele não pudesse ser considerado um obstinado defensor da religião romana. Bruno era um intelectual que não se adequava nem ao aparentemente novo e nem ao velho modo de pensar, mas tinha as suas próprias ideias e trilhava um percurso que oscilava entre o ousado e o incompreensível para os seus contemporâneos.

Referências bibliográficas

AQUILECCHIA, Giovanni. *Schede bruniane (1950 – 1991)*. Roma: Vecchiarelli Editore, 1993.

BRUNO, Giordano. *A ceia de Cinzas*. Texto estabelecido por Giovanni Aquilecchia; introd. Miguel Angel Granada; trad. Luiz Carlos Bombassaro. Caxias do Sul, RS: Educs, 2012. 328 p. (Obras italianas; 2)

_____. *De umbris idearum. Le ombre delle idee*. A cura di Claudio D'Antonio. Roma: Di Renzo Editore, 167 p. 2008

_____. Sobre o infinito, o universo e os mundos. In: _____. *Os pensadores*. Tradução de Aristides Lobo, 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, p. 03 - 91. 1978

CILIBERTO, Michele. *Giordano Bruno – il teatro della vita*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore S.p. A., 2009.

FIRPO, Luigi. *Il processo di Giordano Bruno*. Roma: Salerno Editrice, , 378 p. 1993

_____. Filosofia italiana e controriforma. *Rivista di Filosofia*, XII, p. 150-173, 1950.

RICCI, Saverio. *Giordano Bruno nell'europa del cinquecento*. Roma: Salerno Editrice, 649 p. 2000

_____. *La fortuna del pensiero di Giordano Bruno*. Napoli: Arte tipografica, 400 p. 1990